

## Lisboa como “zona de contacto”: das comunidades temporárias às imagens da cidade

Portugal, sobretudo a partir da sua capital lisboeta ainda hoje macrocéfala, só na última década é que começou realmente a ter consciência da diversidade cultural que o caracteriza enquanto país “emissor” mas também “receptor” de fluxos migratórios. Habitámo-nos a citar o sofrimento da grande vaga de emigrantes portugueses que, em plena ditadura fascista, rumaram até França em busca de melhores condições de vida. Mas esquecemos com frequência todos os que ainda hoje continuam a procurar um futuro melhor no país dos “pioneiros da colonização europeia” e refugiamo-nos numa ideia de tolerância que distancia em vez de acolher.

Lisboa reflecte de um modo particular, face a outras cidades portuguesas, essa construção histórica da identidade de um Estado-Nação em torno dos contactos e experiências decorrentes do processo colonial. Antiga casa-mãe de um “império” por revisitar de modo crítico, continua a ser o território urbano que reúne a maior concentração de população estrangeira no país. Nalguns casos são mesmos os seus pólos mais nevrálgicos – como as diferentes zonas do centro histórico da cidade, desde o glamouroso Bairro Alto ao estigmatizado Martim Moniz – que albergam grupos de pessoas temporariamente organizados em “comunidades” provenientes de diversos países e culturas, que não apenas os falantes da língua portuguesa. Esses “estrangeiros”, maioritariamente discriminados pela negativa como “imigrantes”, são os seus habitantes mais invisíveis: são os que raramente surgem nas representações que se exportam e difundem da cidade, apagando a sua existência social de uma identidade urbana que só muito pontualmente se tem assumido como “multicultural”. Ainda assim é no mundo artístico que a “interculturalidade” tem dado os seus passos mais decisivos em Portugal, constituindo uma via privilegiada de integração, sobretudo no universo da música e da dança contemporâneas<sup>1</sup>.

Os “novos lisboetas” a que o cineasta Sérgio Tréfaut deu expressão com muita sabedoria e provocação em 2003-2004, são também os grandes protagonistas dos trabalhos mais recentes que a artista Mónica de Miranda fez para a exposição “Novas Geografias” em Lisboa. São obras que surgem na continuidade de um mapeamento criativo de redes informais ou temporárias de pessoas e lugares, problematizando as fronteiras identitárias pós-coloniais que estruturam a ideia de nacionalidade.

Nos trabalhos realizados especificamente para a apresentação na Plataforma Revólver, nomeadamente *Greater Lisbon – A to Z* (2008), *Tuning Lisboa* (2008) e *Where r u from* (2006-2008), Lisboa é reconfigurada em função das várias comunidades que nela se têm fixado a partir de movimentos diaspóricos de impacto global. Podemos por isso aproximá-la da acepção original da linguísta Mary Louise Pratt quando utilizou o termo “zona de contacto” enquanto “fronteira colonial”<sup>2</sup> e, inclusive, lembrar o sentido que a artista e teórica afro-americana Renée Green desenvolveu a partir do termo “zona de contacto”. Green reforçou a dinâmica relacional das “negociações” inerentes aos espaços sociais, referindo-se à “zona de contacto” como um espaço onde confluem, espacial e temporalmente, os sujeitos outrora separados por “hiatos geográficos e históricos” e “cujos trajectos agora se interceptam”, destacando-se as suas “dimensões interactiva e de improvisação dos encontros coloniais”<sup>3</sup>. Mais recentemente, a curadora Lesley Wright aplicou o conceito de Pratt à “arte portuguesa” e demonstrou o papel da viagem na definição de um determinado contexto social e criativo, abordando a condição nómada da identidade cultural e as novas contaminações transnacionais que moldam a produção artística contemporânea.<sup>4</sup>

É precisamente este fenómeno de hibridização e de redefinição cultural que interessa a Mónica de Miranda, sendo ela própria fruto da miscigenação que caracteriza a história genética dos portugueses (descendentes de celtas e lusitanos, marcados por séculos de contacto com mouros do Norte de África e com judeus). Filha de pai português e de mãe angolana, Mónica nasceu em Amarante (1976), cresceu no Porto e completou a sua formação artística em Londres, tendo entretanto residido no Brasil. Fixou-se há 8 anos em Londres e actualmente também divide o seu tempo com Lisboa, pesquisando as suas mais profundas contradições identitárias. A condição migratória da sua biografia coincide assim com uma experiência vivencial da cidade de Lisboa, escrutinando o modo como as comunidades multiétnicas que nela se recriam tardam a integrar a imagem da cidade, ao mesmo tempo que constituem os seus focos mais vitais.

*Lúcia Marques é curadora independente, sediada em Lisboa*

<sup>1</sup> Cf. Magda Nico, Natália Gomes, Rita Rosário e Sara Duarte, *Licença para criar: Imigrantes nas artes em Portugal*, Lisboa: ACIME, 2007.

<sup>2</sup> Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes: Travel, Writing and Transculturation*, Londres: Routledge, 1992.

<sup>3</sup> Renée Green, *Negociações na Zona de Contacto*, Lisboa: Ed. Assírio & Alvim/CCB, 2003.

<sup>4</sup> Lesley Wright, *Where are you from? Contemporary Portuguese Art*, Iowa: Falconer Gallery/Grinnell College, 2008.